

### EDITORIAL

## Praia de Balbino: redução da Área de Preservação Ambiental

**A** iniciativa tomada pela Prefeitura de Cascavel de enviar à Câmara Municipal mensagem propondo a redefinição da Área de Proteção Ambiental do Balbino (APA) para permitir a implantação de projetos de condomínios turísticos privados - a pretexto de adequar a lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, de 2000 - está causando celebração. O bom senso recomenda a intervenção do Ministério Público Federal para aderir a legislação e o interesse público.

A praia de Balbino constitui-se uma das belas paisagens do litoral cearense. Lá, existe uma comunidade de pescadores formada por mais de duas centenas de famílias, que dependem da pesca artesanal de lagosta, peixes, camarões e outros crustáceos para o seu sustento.

Há décadas, vem enfrentando a pressão da especulação imobiliária e de outros tipos de empreendimentos que terminam por entrar em choque com os interesses da comunidade local. Depois de muita mobilização dos moradores, o espaço foi transformado em Área de Proteção Ambiental (APA) pela Lei Nº 479 de 21 de setembro de 1988, visando a proteção, conservação e melhoramento do seu ecossistema natural, sem esquecer aspectos culturais e paisagísticos.

A APA abrange uma extensão de 250 hectares, sendo formada por

### A PRAIA DE BALBINO CONSTITUI-SE UMA DAS BELAS PAISAGENS DO LITORAL CEARENSE

com diversificações na sua cobertura vegetal e formas de uso e ocupação. Os moradores receberam do governo estadual, em 1996, a posse de 180 hectares para moradia. Além disso, 19 hectares de mangue foram protegidos definitivamente.

Nos últimos anos, o local vem sendo foco de atenção de investidores, cujos projetos turísticos têm esbarrado na legislação ambiental, justamente por interferir na APA. Agora, a prefeita de Cascavel, Francisca Ivoete, enviou à Câmara Municipal mensagem que transforma uma parte da área em Zona de Interesse Turístico (ZIT), o que legitimaria a construção de um tipo de equipamento chamado de Condomínio Urbanístico Sustentável, no espaço interditado a esse tipo de intervenção.

A iniciativa revolta a população de Balbino e os defensores da APA, temerosos de possíveis consequências predatórias. A expectativa é que o Ministério Público Federal interfira, e tudo possa ser resolvido sem prejuízo para os moradores e o meio ambiente.

Comente nosso editorial

### CHARGE CLAYTON



Comente a charge  
charge@opinioao.com.br



### ARTIGOS

## E a cidade, que estava aqui?

Adisía Sá  
adisiasa@gmail.com



Journalista do O POVO

lá disse e repete: à minha cidade não me era estranha, mas hoje, onde ela está? No mínimo, três vezes por semana circulo pelo centro, em demanda da Associação Cearense de Imprensa, ali no Floriano Peixoto esquina com a Per-

toral? As pessoas precisam viver... E, todos nós precisamos viver, mas viver numa cidade, no caso, Fortaleza, não numa feira livre.

Reverendo a Floriano e dobrando a São Paulo, já disse: o espetáculo é lamentável: comida vendida no prato feito, com os fregueses sentados em tamboretes postos à sua disposição. Fogareiros acesos, com panelas cheias de arroz, feijão, carne, frango, peixe. Sei lá mais o quê.

Juro que tenho vontade de descer e pedir um prato feito, mas,

E não estou falando nos carros dos comerciantes, que fazem, também das calçadas os seus pontos de estacionamento. Correndo de uma calçada à outra, os carruagem e seus sacos e cestas de mercadorias, pouco se importando com os pedestres, e até pilões de motocicletas apressadas. E a fila de carros crescendo em demanda de Santos Dumont, enfrentando os caminhões e caminhões descarregando suas mercadorias. Tudo isto frente à frente aos Colônias da Inacreditada Condi-

praia, dunas, lagos e manguezais.

opinioao@opinioao.com.br

## FALA, CIDADÃO

### Multa do Mensaleiro

Coluna criada em 2010 no portal [www.opinioao.com.br](http://www.opinioao.com.br) e no Facebook de O Povo Fortaleza é dedicada "à opinião de cidadãos em relação ao que acontece em Fortaleza e no Ceará".  
Isso é importantíssimo, se usou o que é público o dever é restituí-lo. É seu dinheiro, se aplicado for, se aplicado corretamente, melhor ainda!  
**Inácio Negreiros.**

Gostaria de ver uma Organização Não Governamental (ONG) que cuida de crianças arrecadar esta quantia em, ao menos, quatro anos. Várias pessoas passando fome, sem educação e sem ter onde morar. Ver algo assim é de dar nojo.  
**Maycon Anderson.**

### Acidentes nas estradas

É isso só tende a piorar se nada for feito com urgência, tolerância zero. A população está achando que não existe lei por não existir fiscalização na aplicação das mesmas, tudo pode, daí isso.  
**Eduardo M.** Comente em: [www.opinioao.com.br](http://www.opinioao.com.br)  
e no Facebook de O Povo Fortaleza e no Twitter de @opinioao

### Coluna Cena G

Apesar de O Povo, tive a grata surpresa

de ver a coluna Cena G em versão ampliada. Adirável ver um jornal tão tradicional, no auge dos seus 86 anos, com esse pensamento tão moderno e atual. Que seja assim, sempre. E que, quem sabe um dia, a coluna vire um caderno semanal. Que o O Povo continue nesse espírito, abordando todos os assuntos da modernidade e aberto às diferenças, que tanto a sociedade insiste em não entender.  
**Rodrigo Aquino.** Por e-mail, comentários à coluna Cena G, envie para: [comentarios@opinioao.com.br](mailto:comentarios@opinioao.com.br)

### Lagoa da Maraponga

Coluna criada em 2010 no portal [www.opinioao.com.br](http://www.opinioao.com.br) e no Facebook de O Povo Fortaleza é dedicada "à opinião de cidadãos em relação ao que acontece em Fortaleza e no Ceará".  
Verdade! Passou lá e me lembrou um lugar assustador abandonado. Ali poderia ser uma bela área de lazer.  
**Cyana Brito.**

Interessante as exigências... os próprios frequentadores deixam o local uma rampa de lixo no domingo, sendo que é realizada limpeza constantemente. Banheiros químicos em um local onde só ocorre aglomeração de pessoas em um único dia da semana. A segurança talvez seja a única exigência viável.  
**Kayrl Silveira.**

boya e Silva. E a cada passagem me sinto mais estanho no ritmo as mudanças são constantes. As ruas General Sampaio, Guilherme Rocha, Liberato Barroso, Barão do Rio Branco, Major Facundo e Floriano Peixoto, a grosso modo, viraram mercado.

Da ponta da calçada ou meio fio, como queiras, as encostas dos prédios ou lojas, os ambulantes tomanam conta de todo espaço. Até a Praça do Ferreira virou mercadinho. Acredito que algumas pessoas estejam dizendo: "o dia pro-

Deus do céu, me contem em nome do "o que vai pensar quem me conhece e me vê naquele situação?" Besteira, nunca falada a me importar com o deus que talvez mas o tempo vai controlando nossos impulsos e desejos, em nome do que se chama e idolatra opinião pública.

Passando pela Praça dos Leões, somos sufocados pelo engarrafamento da rua Coronel Ferraz, com caminhões carregando e descarregando mercadorias, postados, muitas vezes, em cima das calçadas.

Deus do céu, me contem em nome do "o que vai pensar quem me conhece e me vê naquele situação?" Besteira, nunca falada a me importar com o deus que talvez mas o tempo vai controlando nossos impulsos e desejos, em nome do que se chama e idolatra opinião pública.

Passando pela Praça dos Leões, somos sufocados pelo engarrafamento da rua Coronel Ferraz, com caminhões carregando e descarregando mercadorias, postados, muitas vezes, em cima das calçadas.

## A escola no tempo do Facebook e do "rolezinho"

Mauro oliveira  
maurooliveira@netnet.com.br



Professor do IFCE Aracati, doutor em informática

E a ponte inacabada do Aracati no BR-304, termina quando? (pergunte ao Deus). É legal e legítimo "inocentar" prefeitos com contas irregulares? (pergunte ao Tribunal de Contas do Município). Quantos quilos de comida foram para o ralo no réveillon? (pergunte a você mesmo). Pena que o debate sobre flagrantes da vida real tenha desaparecido da universidade, cuja missão é uma sociedade melhor.  
No ensaio "A Escola no Tempo do Google", publicado no O Povo, em 4/24, de-

findemos uma escola interativa onde o aluno é um agente crítico na busca dialética do conhecimento, assumindo responsabilidades na construção da sociedade. O jovem precisa perceber na prática a importância "do outro", sem o qual a vida não tem sentido.

Neste modelo o "professor já era" se ele for um repertório de informações, à moda papagaio. Em tempos de Google e Wikipedia, o aluno não veio à escola para ouvir informação, mas para discutí-la, questioná-la, entendê-la. Ele veio para transformar informação em conhecimento. Afinal, a informação enquanto poder "sectário" (pergunte ao papa Obama) tornou-se, em tempos de Facebook, também anárquica.  
Portanto, o professor precisa ser um animador, orientador do jovem. Ela, a informação,

antes confinada a mestres e livros, está hoje "na ponta dos dedos" do jovem com tablets, smartphones e celulares tipo P ("pebinhas"). Não há jovem que aguarde mais uma aula professoral (calado e obediente) do século 19, ávido que está para "tuitologar" nos Facebooks e WhatsApps da vida eletrônica.

Além de interativa, a escola precisa ser excessivamente social, cidadã, capaz de envolver o jovem, tocá-lo naquilo que lhe é mais forte: sua autoestima. Brata-se de um recado que os educadores precisam aprender com as redes sociais. São as mesmas redes sociais dos "rolezinhos" nos shoppings e parques. Capazes de fazer tremor o poder dos "rolezinhos" nos gabarites e nas estradas (pergunte ao Diti).

ESCREVA MENSALMENTE

## O POVO

Publicado em 21 de Janeiro de 2014  
Por Jacqueline Costa

Presidente e Editora  
Lúcia Herculano

Vice-Presidente  
Jacqueline Costa

Editora Carolina  
da Brito

Editora Adjunta de Redação  
Lúcia Herculano

### GALERIA DE PRESIDENTES DO O POVO



## Cocó: de que debate se trata?

tação do parque, em que questiono a ideia de "mosaico" de unidades de conservação.

cluído a partir de um estudo feito pelo governo em 2008, que delimitou sua área em 1.338ha, cuja pol-